



VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO AZULEJAR

Investigação 'A Azulejaria do Mosteiro de São Vicente de Fora - estudo para um guião' vence Prémio 'SOS Azulejo'. Conheça o monumento na cidade de Lisboa que tem mais de 100 mil azulejos. **pág.02**

Destaque

FILÍPE TEIXEIRA



“PRECISAMOS DOS JOVENS PARA TRADUZIREM A FIGURA DE ANTÓNIO AOS SEUS COLEGAS”

Delegado provincial dos Frades Menores Conventuais em Portugal, frei Fabrizio Bordin considera que a JMJ Lisboa 2023 é “uma grande oportunidade” para mostrar Santo António aos jovens do mundo inteiro. **pág.06**

Entrevista

NOVO LIVRO MANIFESTA A “GRATIDÃO” DA IGREJA AO CÔNEGO LUÍS MANUEL

O “pensamento” e o “ensino mistagógico” do cônego Luís Manuel foram coligidos, pelo Secretariado Nacional de Liturgia, no livro ‘Nascemos da Páscoa - O memorial do mistério pascal’. “Os textos que agora publica o Secretariado Nacional de Liturgia – Nascemos da Páscoa – são uma seleção de escritos e comunicações que colige o pensamento e o ensino mistagógico do Cônego Luís Manuel, como se refere na introdução escrita pela equipa litúrgica, coordenada pelos padres Carlos Pinto e Ricardo Jacinto. Esta publicação pretende manifestar sinceramente a gratidão do Patriarcado de Lisboa, da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade e de tantas pessoas que participam no Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica em Fátima pelo testemunho pascal do nosso caro mistagogo presbítero Luís Manuel”, refere a apresentação da obra, assinada por D. José Cordeiro, presidente da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade.

Segundo os coordenadores do livro, “os textos que compõem estas páginas são transcrições das conferências proferidas nos encontros nacionais de Pastoral Litúrgica, em Fátima, entre os anos de 1997 e 2018”. “A estas juntámos outros textos, por se encontrarem no propósito primeiro de fixar por escrito o que muitos de nós, leigos e padres, fomos escutando”, revelam os padres Carlos Pinto e Ricardo Jacinto.

O livro ‘Nascemos da Páscoa - O memorial do mistério pascal’ foi lançado nesta sexta-feira, 11 de junho, por ocasião do primeiro aniversário do falecimento do antigo pároco da Sé e diretor do Departamento de Liturgia de Lisboa.

Informações: <https://livros.liturgia.pt>

Cardeal-Patriarca convida cristãos a serem “Corpo de Cristo no mundo” **pág.05**

Pai com coragem criativa **pág.08**

“Os sacerdotes super-homens terminam mal, todos eles”, alerta o Papa | **pág.09**

Assembleia de Avaliação em modo online e presencial

A Assembleia de Avaliação da Recepção do Sínodo Diocesano de Lisboa vai decorrer a 18 e 19 de junho, em duplo formato: na sexta-feira à noite e no sábado de manhã, em videoconferência (Zoom); e no sábado à tarde, presencialmente, no auditório do Centro Pastoral de Torres Vedras. “A Assembleia Diocesana de Avaliação tem como objetivo trazer um documento final para a vida de diocese. No fundo, é a conclusão, não do Sínodo, nem da Constituição Sinodal de Lisboa, porque essa pretende-se que continue a inspirar a vida da nossa diocese, mas será um documento final que, de alguma maneira, seja um marco que encerra esta etapa de recepção destes três anos da Constituição Sinodal de Lisboa”, referiu, em entrevista recente ao Jornal VOZ DA VERDADE, o secretário do Sínodo, cônego Rui Pedro Carvalho.

Além do Cardeal-Patriarca, participam na Assembleia Diocesana de Avaliação os Bispos Auxiliares, os Vigários Gerais e o Vigário Judicial, os Cônegos da Sé (não jubilados), os membros do Conselho Presbiteral e do Conselho Pastoral Diocesano, os Vigários Forâneos, os diretores dos Departamentos e Setores da Cúria Patriarcal e os membros do secretariado do Sínodo.

Isilda Pegado
A Sofia, nasceu!

Lusofonias | Tony Neves
António, ‘il Santo’ de Spoleto,
de Pádua e de Lisboa

Opinião
pág.04

P. Nuno Rosário Fernandes
Humor com santidade

Editorial
pág.12

Investigação 'A Azulejaria do Mosteiro de São Vicente de Fora - estudo para um guião' vence Prémio 'SOS Azulejo'

“O RECONHECIMENTO DO VALOR DESTE PATRIMÓNIO”

Sabia que no Mosteiro de São Vicente de Fora há mais de 100 mil azulejos? E que este é o segundo monumento do mundo com mais azulejos no local original? Estas e outras curiosidades estão expostas na investigação 'A Azulejaria do Mosteiro de São Vicente de Fora - estudo para um guião', que venceu o Prémio 'SOS Azulejo'. “Uma visita ao mosteiro acaba por ser também uma visita à história do azulejo em Portugal”, refere uma das investigadoras premiadas.

texto e fotos por Diogo Paiva Brandão



“Este prémio é o reconhecimento do valor do património que nós temos no Mosteiro de São Vicente de Fora. Ao mesmo tempo, esta distinção serve também para divulgar o nosso património”. É desta forma que Joana Santos Coelho, coordenadora do Museu do Mosteiro de São Vicente de Fora e uma das investigadoras galardoadas, reage, ao Jornal VOZ DA VERDADE, à atribuição do Prémio 'SOS Azulejo' 2019-2020, na categoria Prémio 'Investigação e Divulgação em História de Arte', à investigação 'A Azulejaria do Mosteiro de São Vicente de Fora - estudo para um guião'. O trabalho foi desenvolvido por Joana Santos Coelho e Catarina Macedo, técnicas superiores da equipa do Mosteiro de São Vicente de Fora, formadas em História da Arte e História, respetivamente. “Este prémio acaba por ser uma atribuição de mérito ao trabalho que é feito aqui no mosteiro, ou seja, é o premiar os funcionários da casa”, acrescenta esta responsável.

Os Prémios 'SOS Azulejo' (www.sosazulejo.com) são um projeto promovido pelo Museu da Polícia Judiciária – em parceria com diversas universidades de Lisboa (Faculdade de Letras, Universidade Nova, entre outras), além de uma série de investigadores – e visa premiar trabalhos na área da azulejaria. Os vencedores da edição 2019-2020 foram divulgados no passado dia 6 de maio, Dia Nacional do Azulejo, e os galardões vão ser entregues no dia 9 de novembro, no Palácio da Fronteira, em Lisboa. Na comunicação com a informação da atribuição do prémio aos azulejos do Mosteiro de São Vicente de Fora, o júri salientou “o excepcional nível da candidatura” e o “contributo para a valorização do património azulejar português”. “Uma coisa importante, para nós, é que o júri deste concurso foi composto pelos 'gurus' da azulejaria em Portugal”, frisa Joana Santos Coelho.

Visita à história do azulejo

O Mosteiro de São Vicente de Fora é o segundo monumento do mundo com mais azulejos no local original, ou seja, azulejos *in situ*. “Olhamos para o azulejo e vemos que ele foi feito especificamente para aqui. Basta olhar para as molduras. Claro que se formos ao Museu do Azulejo, com certeza que encontraremos mais, mas não foram feitos propositadamente para aquele espaço”, observa. Além de ter azulejos de diferentes épocas e estilos, nos dias de hoje existem cerca de 100 mil azulejos no Mosteiro de São Vicente de Fora. “Os azulejos são um ex-libris do museu do mosteiro. São eles que trazem muitos dos visitantes que cá veem”, assume esta responsável. “Temos uma coleção muito grande de azulejos, com muita variedade, e sabemos que é um dos pontos que mais atrai turistas a este local. Ao longo do tempo, temos feito alguma investigação nesse sentido, para descobrirmos mais sobre os azulejos do

mosteiro. Já tínhamos uma investigação feita, mas, tendo em conta que havia este prémio, decidimos compilar esse trabalho de investigação, já feito, para concorrer a este concurso”, explica a investigadora. Joana Santos Coelho revela que este mosteiro “teve ainda mais azulejos”, mas que, “ao longo dos séculos, foram sendo levados”, nomeadamente “na extinção das ordens religiosas, em 1834, e na implantação da República, em 1910”. “Comprovadamente, havia mais de 120 mil azulejos no Mosteiro de São Vicente de Fora no final do século XIX. Para além da quantidade, temos a variedade. Temos azulejos desde o século XVII, até ao século XIX. Temos desde azulejos avulso, azulejos do ciclo dos mestres, azulejos de produção joanina, azulejos neoclássicos, azulejos de diferentes ateliers. Portanto, uma visita ao Mosteiro de São Vicente de Fora acaba por ser também uma visita à história do azulejo em Portugal”, considera esta investigadora. “O trabalho que nós fizemos foi um bocadinho mostrar isto. Dar a conhecer a história da azulejaria em Portugal, dando exemplos do que se pode encontrar, de cada um dos períodos, aqui no mosteiro”, acrescenta.

Continuar este trabalho

A investigação 'A Azulejaria do Mosteiro de São Vicente de Fora - estudo para um guião', que concorreu ao Prémio 'SOS Azulejo', juntou, então, estudos recentes a outros mais antigos. “Compilámos a investigação já existente, parte feita por nós, e outra parte tivemos de fazer um estado da arte, para saber os estudos que já tinham sido feitos. Há investigadores da área da azulejaria em Portugal que fizeram estudos intensivos sobre, por exemplo, os azulejos da portaria, outros sobre os azulejos dos claustros, mas há outro conjunto sobre o qual não há nada escrito e que nós tivemos de fazer essa investigação, como por exemplo os azulejos sobre a História de David, sobre a História



Coordenadora do Museu do Mosteiro de São Vicente de Fora, Joana Santos Coelho foi uma das investigadoras – juntamente com Catarina Macedo – da investigação 'A Azulejaria do Mosteiro de São Vicente de Fora - estudo para um guião', que recebeu o Prémio 'SOS Azulejo' 2019-2020

VISITA TEMÁTICA 'A AZULEJARIA DO MOSTEIRO'

Quando: de 15 a 27 de junho,
entre as 10h-18h

Duração: 90 minutos

Para quem: público em geral

Participantes: 1-10 pessoas

Inscrições e informações:

museu@patriarcado-lisboa.pt

(indicar o dia e hora mais conveniente, assim como o número de participantes, e aguardar a confirmação)

de Jacob ou a História de José”, expõe a investigadora, revelando que “a parte da compilação e de preparação do trabalho para o prémio demorou cerca de três meses”. “Neste trabalho, concentramo-nos na parte visitável do mosteiro. Quem sabe, um dia, possamos continuar este trabalho, falando um pouco e investigando os azulejos do lado da Cúria, onde também existem conjuntos muito interessantes”, deseja.

A título pessoal, Joana Santos Coelho refere que, para si, os azulejos mais significativos são os da portaria. “São os azulejos do ciclo dos mestres, são painéis únicos, não há iguais em mais lado nenhum do mundo, que nos contam histórias, que passam não só pela história de Portugal, como pela história do mosteiro. Temos painéis onde estão retratadas as reconquistas cristãs, os cônegos de Santo Agostinho em Santa Cruz de Coimbra e alguns Reis da história de Portugal. É um conjunto que me interessa muito”, partilha.

Conhecer os azulejos

Além de toda a azulejaria, o museu tem diversas ofertas aos visitantes, permanentes e itinerantes. “A pandemia trouxe um decréscimo acentuado de visitantes,



mas, para os visitantes, a pandemia acabou por trazer alguma vantagem, visto que não podemos fazer visitas para grupos muito grandes, pelo que as nossas visitas são particulares. Pode vir uma pessoa, ou uma família, que queira a visita, e nós fazermos a visita. Não existe lotação mínima, apenas lotação máxima, que é de 10 pessoas”, revela.

A coordenadora do Museu do Mosteiro de São Vicente de Fora convida, por isso,

a uma visita a este monumento. “Deixo o convite, a todos os que me estão a ler, para visitarem o mosteiro, conhecerem todos os nossos azulejos e muito mais. Para além destes mais de 100 mil azulejos, temos o Panteão Real, temos uma vista deslumbrante sobre Lisboa, temos uma sacristia com mármore embutidos, uma cisterna medieval... Estamos abertos de terça-feira a Domingo, das 10h00 às 18h00. São todos bem-vindos!”, termina Joana

Santos Coelho, a coordenadora do Museu do Mosteiro de São Vicente de Fora e uma das investigadoras galardoadas com o Prémio ‘SOS Azulejo’ deste ano.



CONJUNTOS DE AZULEJOS NO MOSTEIRO DE SÃO VICENTE DE FORA

- **Azulejos da escadaria dos Cardeais** | Os mais antigos do mosteiro (1690); mistura de temas religiosos e profanos

- **Azulejos avulso** | Na antiga sacristia da capela do Cardeal Neto (atual exposição dos Patriarcas); azulejo habitualmente aplicado em cozinhas ou outras zonas mais práticas

- **Azulejos da Portaria** | Produzido no período do Ciclo dos Mestres (1710), por Manuel dos Santos; painéis únicos e historiados; representações de reis, de cônegos agostinianos e de cenas da Reconquista Cristã

- **Azulejos dos Claustros** | Produzidos no período da Grande Produção Joanina (1736), pelo atelier Valentim de Almeida; exclusivamente (e curiosamente) cenas do quotidiano da elite francesa no século XVIII

- **Azulejos com cenas bíblicas (3 conjuntos, no 2.º piso)** | Produzidos no período da Grande Produção Joanina, pelo atelier Valentim de

Almeida, com uma banda desenhada em azulejo; proporcionam ótimas sessões de catequese, com a História de Jacob, a História de David e a História de José do Egipto

- **Azulejos de padrão** | Do século XVIII, no terraço poente; repetição regular como se de um tapete se tratasse, a cobrir a parede

- **Azulejos com as Fábulas de La Fontaine** | Cada painel conta uma fábula, existindo 38 fábulas em azulejo, de 1773, em exposição no 2.º piso; aplicados originalmente nas paredes erguidas entre os arcos dos claustros no piso 1; tema insólito neste contexto; autoria talvez de Francisco Jorge da Costa

- **Outros conjuntos de azulejos** | Ainda no Mosteiro, mas na parte não visitável (ocupada pela Cúria Diocesana), encontram-se outros conjuntos de azulejos, como por exemplo policromados do século XIX





Isilda Pegado

A Sofia, nasceu!



Nasceu, viu e abriu os braços para nós! A explosão de felicidade, prazer, dificuldades, espanto, risco, exclamação, cuidados, entregas, belezas, confrontos, história, futuro e tantos outros substantivos, corporizam-se nesta bebé acabada de nascer. Os adjetivos ficam calados no nosso coração! É a comoção!

A Felicidade transborda ao ver que tudo é dado, que há uma Perfeição no mundo que não racionalizamos mas percebemos e sentimos. A felicidade dos pais (lindos!) que se sentem “os escolhidos” por tamanha dádiva numa relação que não carregam, mas abraçam. E que também se sentem abraçados numa família e numa história.

O Espanto, perante a Criação, o percurso de Vida, os caminhos que levam a cada vida e a própria incapacidade para justificar ou fundamentar. Porque tudo está ali, feito, pronto para um caminho.

O Risco, que cada vida comporta, com tantas dúvidas e milhões de opções que naque-

le minuto em que se vê o cordão umbilical cortado, se abrem na nossa mente. Risco que é mote da vida. Sempre. E por isso, a constante entrega.

A Exclamação, de que há uma vitória sobre o Nada, uma vitória sobre o comodismo ou a resignação. Há uma vitória da ousadia e audácia.

Os Cuidados, que de imediato são necessários e encham de júbilo todos os que os prestam. Não é um menos, mas um Mais que nos interpela. Estamos Gratos por poder servir.

As Entregas, de todos os que a rodeamos, do tempo e dos modos, da família, dos amigos e dos colegas. Nos presentes ou nas mensagens, tudo se destina a ela.

As Belezas confrontadas com o Infinito e inatingível Belo. A perfeição de um ser cujo lábio, olho, cabelo, osso ou ínfimo pormenor foi Gizado com todo o Saber e cuja dimensão desconhecemos. E contemplamos o

Belo, através desta pequenina menina.

Os Confrontos, que apontam as condições do mundo (de que Ele nos falou) e da vida. Onde se joga a Liberdade, de cada ser, desde o nascimento e ao longo de toda a sua vida.

A História, que cada um carrega consigo, e que se torna carne, se torna real no minuto em que vemos a primeira fotografia. Uma história de gerações e gerações, com ramos de famílias que a nossa memória nem alcança. Com Povos e 3 Continentes, que se misturam e que estão todos presentes naquele bebé deitado sobre o peito da mãe e com o pai curvado sobre elas.

O Futuro é um mar que se abre e que, em cada dia terá cor, luz, temperatura e envolvimento diferentes. Sem sabermos o que é amanhã, construímos hoje e fizemos ontem, com a certeza de que tudo tem uma valia que nos supera em grandeza e encontro.

O Futuro que se faz hoje, é verdadeiro porque profundamente radicado no Amor. A entrega ao Amor, silenciosa e às vezes até silenciada, gera frutos, mostra virtudes e grandezas inimagináveis. Porque o maior ato de Amor é a vida que nos

é totalmente dada, oferecida e acompanhada até ao limite de cada um dos nossos cabelos. Nada se perderá!

A Sofia nasceu, e toda a vida, todas as nossas vidas, os nossos saberes, os nossos escritos e conferências, as nossas certezas e debates ou convicções, se tornam ainda mais reais neste momento.

Obrigado Querida Sofia!



LUSOFONIAS

António, 'il Santo' de Spoleto, de Pádua e de Lisboa

Em Itália, sobretudo em Pádua, não vale a pena gastar muito latim (ou italiano) a falar de Santo António! Diz-se 'il Santo' e toda a gente sabe de quem se fala! Esta é uma afirmação corrente que aparece também na crónica de 'uma viagem medieval' de Gonçalo Cadilhe, 'Nos Passos de Santo António'. Este escritor viajante decidiu seguir os passos do nosso maior missionário do século XIII que se fez ao mar muito antes dos navegadores empurrados pelo Infante D. Henrique: 'um dos maiores viajantes da História de Portugal'. Não se 'atirou' ao Mediterrâneo para alargar o império (nem sequer sabia o que era isso!), mas para aumentar o número dos batizados em Cristo, anunciando o Evangelho em contextos islamizados do norte de África. A sua história já deu para muitos livros, mas vale a pena repegá-la como inspiração para os tempos que correm.

Nesta 'viagem', inspiro-me em Gonçalo Cadilhe, nos Sermões do Santo e na visita que fiz a Spoleto. Aqui vivi a semana do Retiro anual da minha Comunidade, num convento de Irmãs, plantado na colina em frente a esta cidade tão antiga, bela, simbólica e estratégica. Situada a cerca de 130 kms de Roma, Spoleto tem séculos de história, pois ali passa uma das vias romanas mais lendárias, a Flaminia. E, claro, para a Igreja e para Portugal, há um acrescento de importância: ali foi canonizado Santo António. Logo que pude, desci a colina e subi à cidade. Que beleza, que inspiração! Só descansei quando entrei na mag-

nífica Catedral de Santa Maria Assumpta, que presta homenagem ao lugar e ao evento que fez de António um dos santos mais aclamados da Igreja, após 'canonização relâmpago'. Aconteceu a 30 de maio de 1232 quando os franciscanos realizavam a sua Assembleia Geral. O Papa de então, Gregório IX, estava presente e quis brindar a fidelidade dos franciscanos ao Papa, bem como a fé dos habitantes de Pádua e decidiu canonizar António, tornando-o modelo de vida cristã e de monge para a Igreja e para o mundo.

Voltemos ao princípio. Fernando de Bullhões nasceu em Lisboa, fez-se Agostinho em Coimbra, passando a chamar-se António, provavelmente em homenagem a Santo Antão, Abade do Deserto. Ali passariam franciscanos a caminho de Marrocos que – segundo se soube – foram martirizados. António decide fazer-se franciscano e completar a missão que o martírio não permitira concluir àqueles jovens frades que ele conheceu em Coimbra. Homem culto, atravessa o Mediterrâneo, chega a Marrocos e adocece. Tenta regressar a Portugal, mas os ventos (os do Espírito!) atiraram-no para as costas da Sicília onde se tornou famoso pela pregação e santidade. Decide ir a Assis para uma Assembleia Geral onde encontra S. Francisco.

Assim se mudaria a história de António, tudo por causa da demonstrada eloquência das suas palavras e sermões. Passará por Bolonha, grande capital intelectual de então, para formador dos

novos franciscanos. É eleito responsável da Ordem no norte de Itália, faz parte da delegação que vem a Roma encontrar o Papa para definir o estatuto da nova Família Religiosa fundada por Francisco e que não parava de crescer... Pádua será o ponto alto da sua vida, onde ganha fama de sabedoria e santidade extremas.

Em tempo de 'heresias', é mandado ao sul de França. Mas ele sabe que as conversões acontecem mais pela pregação da Palavra e pela Fraternidade do que pelo anátema, ódio ou espada. Com esta convicção bem franciscana, António andou por terras francesas onde se tornou conhecido e amado. Depois, deixou a responsabilidade de direcção na Ordem e, de regresso a Pádua, tentou retemperar forças, rezar e escrever alguns dos seus sermões para alimento de quem viesse a seguir. Morreu às portas da cidade, em Arcella, a 13 de junho de 1231. Diz Gonçalo Cadilhe: 'nesse dia, a História dava outro passinho para fora da Idade Média, a Europa despertava

mais um pouquinho de um torpor de mil anos, António terminava a sua viagem'. Seria canonizado, em Spoleto, menos de um ano depois... Atento aos mais pobres, fez da vida um hino à contemplação, à missão e à coerência, optando e pregando um estilo de vida simples, orante e fraterna. Gritou um dia, num dos seus sermões: 'Calem-se as palavras e falem as obras!' E um grande admirador seu, o P. António Vieira, quando pregou na Igreja de Santo António dos Portugueses a 13 de junho de 1670 disse do Santo: 'Para nascer, pouca terra; para morrer, toda a terra; para nascer, Portugal; para morrer, o mundo!' Por isso, não vale a pena ficarmos chateados quando vamos a Zanzibar ou às montanhas da Huasteca Potosina no México e lá encontramos Santo António de Pádua! Queríamos que fosse de Lisboa, mas a verdade é que ele um Santo sem fronteiras. É de todos. Que a todos inspire e mobilize para uma fraternidade universal.

Tony Neves, em Roma



Catedral de Santa Maria Assumpta, em Spoleto



'Itinerários da Fé' em Lisboa

Quovadis Lisboa (Turismo > Patriarcado de Lisboa), em colaboração com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, organiza dois 'Itinerários da Fé', com o 'Percurso da Baixa' (19 de junho, às 10h00, na Sé) e o 'Percurso do Chiado' (dia 26, às 10h00, no Museu de São Roque). Participação gratuita mediante marcação (turismo@quovadislisboa.com)

Lisboa /05



JMJ Lisboa 2023

'Queres fazer parte do coro da JMJ?'

Foram abertas as inscrições para o coro de cerca de 200 elementos da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023. "Se sabes ler música, tens entre 15 e 30 anos à data de agosto de 2023 e queres fazer parte de um projeto musical único, inscreve-te junto da tua diocese", desafia a organização. Para a coordenadora da equipa da Música no Comité Organizador Local, Teresa Cordeiro, este processo de recrutamento vai pôr "em evidência os dons de tantos jovens de todo o país".

Segundo a organização, a primeira fase de captação de talentos decorre em "junho e julho" e "cada comité organizador diocesano fará uma pré-seleção de até 10 candidatos", que depois farão "audições presenciais, nos meses de outubro e novembro, em Lisboa".

Informações: <https://lisboa2023.org/pt>



Vinha de Raquel Um retiro para cura pós-aborto

A Vinha de Raquel está a organizar um retiro para cura pós-aborto, que vai ter lugar de 25 a 27 de junho, destinado a homens e mulheres que tenham estado envolvidos num aborto. "O programa é uma oportunidade de ir ao fundo da experiência vivida com o aborto e identificar o impacto que a perda teve na pessoa, no passado e no presente, ajudando no reconhecimento de sentimentos não resolvidos, com os quais várias pessoas lutam após um aborto", salienta a organização, garantindo que se trata "de um fim-de-semana árduo, mas que produz uma colheita proveitosa para todos os que estão dispostos a trabalhar lá".

Informações: www.vinhaderaquel.org

Missa do Corpo de Deus na Sé de Lisboa

"Em tudo havemos de ser, também nós, Corpo de Cristo no mundo"

O Cardeal-Patriarca de Lisboa considera que a Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo é uma "enorme responsabilização" para os cristãos. Na Sé de Lisboa, D. Manuel Clemente convidou a "agradecer a vida" que Deus "deu por nós e para nós".



"Celebrar o Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo é agradecer a vida que deu por nós e para nós; é crescer em gratidão e responsabilidade sempre que eucaristicamente O celebramos, comungamos e adoramos. E é também, na coincidência de pensamento, sensibilidade e prática, sermos na Igreja e no mundo. Esse mesmo que recebemos e por nós quer chegar a todos. Àquela «multidão dos homens» por quem derramou o seu sangue. Foi com Ele então, é connosco agora, é com Ele sempre!", referiu o Cardeal-Patriarca, na celebração do Corpo de Deus.

Na Sé de Lisboa, na manhã do passado dia 3 de junho, D. Manuel Clemente destacou que o Corpo de Deus é uma solenidade "de enorme responsabilização" para os cristãos. "Na verdade, o Corpo eucarístico que recebemos, quando bem o recebemos, transforma-nos no Corpo eclesial de Cristo, para também nós alimentarmos o mundo com o alimento que nos assimila a si. Não é Cristo que se desfaz em nós, como acontece com o alimento que ingerimos vulgarmente.

É Ele que nos refaz em Si, para sermos o seu corpo alargado até onde quer chegar, através daqueles que O recebem", garantiu, sublinhando que "a comunhão eucarística é, sem dúvida, um momento pessoal de imensa devoção agradecida". "Mas requer da nossa parte uma grande comunhão de vida com Cristo, a sua palavra e o seu modo de sentir, pensar e agir. Requer-nos grande consequência espiritual e prática, tanto na vida eclesial como social. Em tudo havemos de ser, também nós, Corpo de Cristo no mundo", frisou.

Na celebração deste ano – que, devido à pandemia, não teve a tradicional procissão pelas ruas da cidade de Lisboa –, o Car-

deal-Patriarca convidou ainda à fidelidade. "Esta prevalência de Cristo em nós exige-nos grande fidelidade ao que Ele mesmo foi e realizou, tal como os Evangelistas o transmitiram e a Tradição viva o guarda e oferece. Quando nos pronunciamos e agimos na vida eclesial ou nas realidades temporais, é sempre essa a referência básica que devemos manter", alertou. "Ser Corpo eclesial de Cristo nasce da comunhão do seu Corpo eucarístico e perpetua a sua presença em nós e através de nós, para a salvação do mundo. Porque Missa há de ser missão. Disto mesmo se trata, em ação de graças e correspondência crescente a tudo o que Ele disse e fez", lembrou.



Sagrado Coração de Jesus Os 50 anos da igreja apresentados em livro

O livro comemorativo dos 50 anos da dedicação da nova Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, vai ser apresentado na próxima quinta-feira, 17 de junho, às 18h00, no auditório do complexo paroquial. A obra intitulada-se 'Igreja do Sagrado Coração de Jesus - Lisboa. 50 Anos de Arquitetura Religiosa Moderna / 1970-2020', tem coordenação de Cátia Santana e João Alves da Cunha e prefácio do cônego António Janela, atual pároco.

Recorde-se que nesta sexta-feira, 11 de junho, às 18h30, decorre o encerramento das comemorações deste cinquentenário, numa Eucaristia presidida pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, às 18h30.

Missa na Igreja de Santo António de Lisboa

Jovens de Lisboa pediram o 'patrocínio' de Santo António

Os jovens de Lisboa pediram a interceção de Santo António para a caminhada de preparação rumo à Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023. Foi numa Missa na Igreja de Santo António à Sé, na tarde do dia 6 de junho.



"Nesta celebração vamos dar graças a Deus por tanta coisa na nossa vida, na nossa história, e pedindo o enorme patrocínio de Santo António. Temos a certeza que Santo António, também no Céu, há de estar a velar por nós, a interceder por nós, para que realmente este caminho da JMJ seja um grande caminho de preparação, um caminho missionário, como ele foi um grande missionário. Que tudo corra para que, realmente, aconteça encontro com Cristo na vida de cada vez mais pessoas", desejou, no



início da celebração, o assistente do Serviço da Juventude do Patriarcado de Lisboa, padre João Quintas, que presidiu à Missa. Organizada pelo Serviço da Juventude e pelo Comité Organizador Diocesano (COD) de Lisboa, a Eucaristia teve lugar uma semana antes do dia de Santo António (13 de junho), com a homilia a estar a cargo do cônego Nuno Amador. "Precisamos de nos situar, de deixarmos que Jesus venha ao nosso lugar, onde estamos, à nossa vida como ela é, e deixar transformar a nossa fragilidade com o seu amor. Não ter medo disso, para que o Senhor possa abrir caminhos para a frente. Creio que Santo António nos pode ajudar nisto, nos pode ajudar neste caminho da Jornada", referiu o sacerdote.

Frei Fabrizio Bordin, delegado provincial dos Frades Menores Conventuais em Portugal

JMJ É “UMA GRANDE OPORTUNIDADE” PARA MOSTRAR SANTO ANTÓNIO AOS JOVENS



Frei Fabrizio Bordin acredita que a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023 é a oportunidade para dar a conhecer, entre os jovens, a figura “mais desconhecida” de Santo António, aquela que vai para além do “folclore”. Em entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE, este religioso da Ordem dos Frades Menores Conventuais afirma que a “opção preferencial pelos pobres” é um “grande desafio” e destaca a sensibilidade dos leigos para porem em prática os apelos do Papa na encíclica *Laudato si’*.

entrevista e fotos por Filipe Teixeira

No ano passado, assinalaram-se os 800 anos da vocação Franciscana de Santo António. Nessa altura, o frei Fabrizio publicou vários textos, na revista ‘O Mensageiro de Santo António’ – dos Frades Menores Conventuais –, onde assinalava que ainda há uma parte da vida de Santo António por descobrir. O que falta então conhecer?

Este ano, saiu um livro, na edição italiana, com o título ‘Santo António desconhecido’, escrito por um realizador. Conta parte das origens de Santo António, aqui, em Lisboa, e sobretudo em Coimbra, utilizando um pouco de ficção – por não se encontrarem dados – a partir das tradições existentes na Igreja e na sociedade da Idade Média. Temos três décadas importantes que precisávamos de conhecer melhor: em primeiro lugar, a infância e a juventude, em Lisboa. E nós sabemos que os primeiros anos da nossa vida, o nosso contexto familiar, social, eclesial, são mui-

to importantes para descobrir e entender a personalidade de qualquer pessoa, e também de um santo; depois, sobre o tempo passado em Coimbra, onde temos António na Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Toda a sua formação académica, cultural, religiosa, a ordem do sacerdócio e, depois, a passagem para a Ordem Franciscana; por último, temos outra década, que corresponde ao tempo que António passou entre Itália e França. Aliás, por estes dias, nós, franciscanos, celebrámos os 800 anos (30 de maio de 1221) do encontro entre Francisco e António, em Assis. Foram anos tão intensos, que o tornaram naquilo que é hoje o santo amado por todo o mundo, pela sua proximidade, pregação...

É por isso que, ainda hoje, em Itália, quando se referem a Santo António, referem-se apenas a ‘O Santo’...

É interessante, porque isto raramen-

te nasce dos contextos mais eclesiais. É dentro da vida do povo, e foi o povo quem batizou o santo, na cidade de Pádua. Como vemos, na cidade de Lisboa, há uma maneira de viver Santo António que pertence ao povo e outra que pertence ao mundo clerical, da Igreja, da cultura.

Faz falta trazer um pouco mais desse conhecimento de Santo António que não está tão enraizado no povo?

Eu acho que o povo ficou esquecido, abandonado, na sua devoção. Parece-me que não há um diálogo mais próximo entre a devoção popular – que é feita de muitas formas, tais como casamentos, tradições, ou a lembrança de recorrer a Santo António quando a pessoa está com algum problema na sua vida –, e tudo aquilo que nós, nestas últimas décadas, conhecemos através dos sermões, onde podemos conhecer mais a sua espiritualidade, a sua riqueza, o mundo em que

vivia, a maneira de pregar, de anunciar o Evangelho. Aproveitamos pouco tudo isto para conhecer mais por dentro a figura de Santo António. Há quem diga – e eu concordo – que temos dois Antónios: o António da devoção, do folclore, e o António histórico, doutor da Igreja. Não podemos mantê-los separados.

O caminho de preparação da Jornada Mundial da Juventude poderá ser uma oportunidade para apresentar a vida deste santo aos jovens?

Eu acho que é uma grande oportunidade! Desde que foi anunciada a Jornada Mundial da Juventude em Lisboa, houve vários frades que me interpelaram e a Igreja italiana também se mostrou interessada, através dos responsáveis da pastoral juvenil, junto dos nossos frades, para criar um laboratório sobre Santo António, de forma a preparar os jovens para a Jornada Mundial da Juventude. Depois, com a situação de pandemia, não foi possível organizar um encontro entre representantes dos jovens e dos frades de alguns países da Europa, aqui em Lisboa, para se encontrarem com o nosso Patriarca e os nossos frades e iniciarem esse laboratório. Achei uma ideia muito boa, porque não podemos apresentar António aos jovens do alto para baixo, ou seja, sermos nós a dizer o que representa Santo António para os jovens do nosso tempo. Nós podemos ajudar na leitura histórica, mas precisamos dos jovens para traduzirem a figura de António aos seus colegas.

Para si, enquanto frade, o que mais o impressionou na vida deste santo?

Eu escrevi, na revista ‘Mensageiro de Santo António’, que nós não temos muitas informações sobre Santo António porque, nos seus sermões, ele nunca fala de si mesmo, não é um homem autorreferencial. Acho que este é um aspeto muito importante. Porque é que nós sabemos



Frei Fabrizio Bordin, de 59 anos, é delegado provincial dos Frades Menores Conventuais em Portugal e pároco de Santa Beatriz da Silva e de São Maximiliano Kolbe do Vale de Chelas

pouquíssimo da sua infância? Primeiro, porque quem escreveu as biografias não tinha os testemunhos dos familiares próximos, dos frades que tinha conhecido, etc... mas também porque António não andou a falar muito da sua vida. Não digo que não tenha falado por estar envergonhado ou outras coisas, mas pelo sentido de discrição, de humildade, de uma pessoa que não está centrada em si mesma. Tornou-se tão famoso, mas não se construiu, como é um pouco o estilo de hoje, na nossa sociedade.

Como é que a inspiração franciscana, pela qual se apaixonou Santo António, pode estar presente, hoje, nas paróquias de Santa Beatriz da Silva e do Vale de Chelas, onde é pároco?

Procuramos transmitir a presença de uma comunidade franciscana que tenha o olhar preferencial também pelos mais pobres. Mas é fácil encher a boca com esta expressão... Vejo um grande desafio, sobretudo, nestes últimos tempos em que, quer o Papa Francisco, quer a realidade que se criou neste tempo de pandemia, obriga-nos a sair mais para fora, a não viver só da organização, do dia a dia da paróquia, dos grupos e de todas as atividades. Eu digo sempre que o cartório não está entre as quatro paredes da igreja, mas na rua, onde encontramos gente que faz as perguntas mais variadas... Aqui, vejo o António de Lisboa, de Pádua, hoje, 800 anos depois.

Como é que a encíclica Laudato si', do Papa Francisco, inspirou a vida das suas paróquias?

Sinto-me desafiado por uma sensibilidade muito forte no que diz respeito ao cuidar da casa comum e que a encíclica Laudato si' propõe – e é uma magna carta, nesse sentido. Sinto-me muito desafiado pelos leigos que são sensíveis a esses



temas e esperam muito também de nós, franciscanos.

Na paróquia de São Maximiliano Kolbe temos um foco ecológico (ver caixa), graças a Manuela Silva [economista falecida em outubro de 2019], que eu tinha convidado para falar aos frades. Ela ficou entusiasmada e não largou a 'presa', e, assim, demos início ao foco ecológico. Nestes últimos tempos, houve uma sequência de acontecimentos, a começar pelo Papa, que não desiste de um compromisso, uma conversão ecológica a todo o campo, a todo o terreno, e, portanto, também nas paróquias, nas comunidades religiosas e nas famílias. Também se assinalaram os cinco anos da encíclica, com o Ano Laudato si', que concluiu com a criação de uma plataforma para uma ação concreta. Portanto, ou fechamos os olhos e os ouvidos, ou fazemos alguma coisa para cuidar do ambiente. Vejo que essa sensibilidade,

a nível de rede, está a entrar nas famílias, na catequese, nos grupos... mas é um caminho longo. Não é de um dia para o outro que saímos da nossa zona de conforto.

O exemplo de mobilização da paróquia para os desafios colocados pelo Papa Francisco, na Laudato si', pode ser um exemplo a seguir por outras realidades juvenis, sobretudo neste caminho de preparação da JMJ?

Sei que já nas últimas jornadas começou a entrar este tema da conversão ecológica. Embora não tenha estado presente no Panamá, em janeiro de 2019, sei que se criou uma aldeia Laudato si', em que os franciscanos estavam envolvidos. Acho que temos de ver a Jornada Mundial da Juventude com esta dimensão de saída para fora, não no sentido de um bom momento para os católicos com o seu pastor, mas algo de novo no nosso tem-

po. O tema do ambiente, mas também o tema da economia de comunhão e outros, e também o contributo das religiões para a paz, são os grandes desafios para a Jornada Mundial da Juventude e penso que, nisto, é importante envolver os jovens para serem eles a encontrarem uma linguagem mais própria para transmitir essa sensibilidade a outros jovens.

Num encontro das famílias da nossa comunidade, dedicado ao Ano Laudato si', enquanto os pais faziam um trabalho sobre alguns temas, os filhos fizeram a mesma coisa, e foi interessante ver como os filhos foram buscar formas de poluição que nem os pais pensaram... Foram coisas que eles propuseram onde, nós, adultos, nem nos damos conta. O perigo é escrevermos isto em documentos e não entrarmos numa escolha mais concreta. Aqui, se calhar, a JMJ pode marcar uma diferença.



“Em 1981, no 750.º aniversário da morte de Santo António, quando era ainda noviço, surgiu este lema que continua a ser atual para nós, frades: “António, Evangelho e Caridade”: o homem do Evangelho, anunciador, e o homem da caridade, pela proximidade com os mais pobres. Vejo que isto é aquilo que nos acompanha bastante neste tempo onde os centros sociais, por exemplo, continuam esta dimensão da caridade na ajuda a famílias com muitas dificuldades. Acho que este binómio de Evangelho e Caridade faz justiça do que António foi, há 800 anos, e que continua a ser hoje”.

Frei Fabrizio Bordin, OFM Conv

Foco Ecológico de Marvila

CUIDAR DA CASA COMUM “É MAIS DO QUE SEGUIR AS BOAS PRÁTICAS AMBIENTAIS”

O Foco Ecológico de Marvila nasceu em resposta aos desafios deixados pela encíclica Laudato si', do Papa Francisco. Através do apoio dado por Manuela Silva, da Rede Cuidar da Casa Comum, o desafio “é muito mais do que seguir as boas práticas ambientais e passa também pela mudança de comportamento com os outros e encontrar coisas muito concretas que nos ajudem a concretizar esse objetivo”, partilha, ao Jornal VOZ DA VERDADE, Cláudia Amaral, uma das responsáveis por esta iniciativa, que ressalva haver ainda “um bom caminho para andar”. Das iniciativas já realizadas e que congregam, habitualmente, vários grupos da comunidade paroquial e de instituições locais, Cláudia destaca o ‘Terço ecológico’, a partir de reflexões da Laudato si', que decorreu no passado mês de maio, no Par-

que da Bela Vista. Mas as respostas aos desafios também se concretizam “na entrega de alimentos a famílias necessitadas”, “projetos específicos sobre o Ano Laudato si' na catequese e na Pastoral Familiar”, e até compostagem, cujo material resultante “é distribuído pelo parque hortícola que temos junto às nossas igrejas”, conta esta leiga.

Para o futuro, Cláudia Amaral deseja que a “conversão ecológica” vá além “de um gesto bonito, de uma boa ação”. “É mesmo necessário mudar comportamentos, mas mudar vindo do interior, com a preocupação e consciência de cuidar da casa comum e, todos juntos, fazermos o que nos compete”, sublinha. “E rezar, porque nada disto é fácil, sobretudo devido ao nosso comodismo do dia-a-dia”, acrescenta.



Pai com coragem criativa

O Céu intervém confiando na coragem criativa deste homem

Caro leitor, as minhas primeiras palavras vão em agradecimento à Pastoral da Família de Lisboa, pelo desafio lançado à minha pessoa. E que desafio! Escrever sobre S. José, em particular, sobre o tema “Pai com coragem criativa” requer sem dúvida, inspiração do Espírito Santo!

Sou casado e pai de 3 filhos, e espero que, na curta experiência de ser pai, estar ao nível do desafio colocado e corresponder às expectativas. As palavras do Santo Padre na Carta Apostólica ‘Patris Corde’, são uma inspiração e um verdadeiro bálsamo, que nos redireciona e abre o nosso coração àquilo que de tão essencial nos faz falta nos dias de hoje, sermos pais! Não o digo de forma inocente, reparamos no legado que S. José nos deixou: O Padroeiro da Santa Igreja, Padroeiro dos operários e Guardião do Redentor e modelo do Pai de família. Que responsabilidade ter alguém como modelo, “o homem que passa despercebido, o homem da presença quotidiana discreta e escondida”.

Se olharmos ao nosso redor, tudo isto nos parece incoerente. Aspiramos ao sucesso profissional, à aceitação dos nossos pares e superiores, a sermos cada vez mais e cada vez melhor, a mostrarmos a nossa força e profissionalismo aos nossos filhos, quando a determinada altura alguém nos diz, que o modelo de pai a seguir prima pela discrição, não chama a atenção para si e, como se não bastasse, a sua missão passou por nada mais nada menos, do que cuidar do co-Redentor e participar na missão salvífica de toda a humanidade. Quanto tenho a aprender com este Santo!

Quantas vezes, na nossa fragilidade humana, atarefada por um mundo em constante mudança, exigente, que trabalha a um ritmo devorador, nos faz olhar para os nossos filhos como mais um meio de perdermos tempo? Penso em S. José, e sinto-me envergonhado em sequer pensar no amontoado de problemas que tenho (e que penso que são os piores do mundo) e o Pai terrestre de Jesus, em momento algum, se lhe conhece um queixume... um desabafo ou uma atitude de desespero. A sua confiança e sobretudo criatividade

perante as dificuldades pelas quais passou, mostram-nos que Deus não nos dá caminhos difíceis, penosos ou impossíveis! Temos de confiar na providência e a dificuldade aparente, não deve mover a nossa audácia e obstinação em sermos bons pais.

Recorrer a S. José no meu dia a dia, tem-me ajudado, em particular naqueles momentos de Pai, em que tudo é barafunda, desde o sair de manhã para a escola, ou para outra atividade qualquer, o tempo passa a

correr, e chegamos sempre atrasados! Ou do regresso da escola, para entrar na rotina dos trabalhos de casa, do jantar, dos banhos, e do deitar.

Saber que o Pai adotivo de Cristo, sempre O respeitou, como filho de Deus, cuja vida estaria focada na maior das missões (a salvação da humanidade), é o guia para que saibamos respeitar os nossos filhos, como bênçãos de Deus, na sua dignidade humana, na sua vontade e no projeto que Deus tem para cada um deles.



Quantas vezes, por entre o cansaço, ou de um dia de trabalho mal sucedido, nos apetece gritar, apressar os processos infindáveis, barulhentos, com choros de uns e gargalhadas de outros? Recorro a este exercício muitas vezes, e imagino S. José, com o menino Deus nos braços, com o menino Deus a brincar, a ensinar-Lo, a levá-Lo para a escola, a deitá-Lo. Em todas essas ações imagino-o calmo, paciente, e sobretudo perante qualquer adversidade ou entrave, a sua criatividade em contornar o problema, e torná-lo numa solução ainda melhor.

Quantas vezes reparamos mais nos defeitos ou numa ou noutra tarefa que ficou por fazer no nosso lar? Quantas vezes a nossa esposa teve trabalhos redobrados para preparar este ou aquele prato para o jantar, ou esta ou aquela camisa para o dia de trabalho e a primeira palavra que nos vem à cabeça é reparar na sala desarrumada, ou na cozinha suja? Tantas vezes que nos falta um elogio, uma palavra de ânimo, um olhar transcendente, para olharmos o nosso lar, como S. José contemplava o seu. As palavras com que elogiava Maria Santíssima, com que admirava os seus gestos de carinho e dedicação, e o conforto e segurança que transmitia, são o exemplo que devemos almejar!

Imitar S. José, nos tempos atuais, requer sem dúvida criatividade, para sabermos dar valor ao tempo que despendemos aos nossos filhos, aos elogios e palavras de amor que devemos dirigir à nossa esposa, o conforto e segurança que devemos dar ao nosso lar, onde possa habitar o Espírito Santo, para que nos transforme a nós, à nossa família e às pessoas ao nosso redor.

Tenhamos a coragem criativa de em tempos peculiares, de desafios diários, de constrangimentos e de tempos incertos, sabermos levar a luz das virtudes de S. José connosco, para o nosso trabalho e sobretudo para o nosso lar e façamos dele um lugar luminoso à semelhança da Sagrada Família.

Glorioso São José, abençoei os pais, para que saibam dirigir o lar com prudência e firmeza, promovendo a felicidade e santificação da família.

texto por Hélder Santiago



com **Aura Miguel**
Jornalista da Rádio Renascença,
à conversa com **Diogo Paiva Brandão**

Roma /09

“Colocar Deus e as pessoas no centro das preocupações”

O Papa Francisco convidou os sacerdotes a assumirem as fragilidades e a evitarem a tentação de serem “super-homens”. Na semana em que falou da ligação entre as celebrações litúrgicas e a caridade, o Papa assinalou a beatificação de uma religiosa italiana brutalmente assassinada, o cardeal Marx apresentou a demissão ao Papa e foi publicada a intenção de oração do mês de junho.



1. O Papa considera que os sacerdotes devem assumir as suas fragilidades como “lugar teológico” e evitar a tentação de serem “super-homens”. “A minha fragilidade, a de cada um de nós, é um lugar teológico de encontro com o Senhor. Os sacerdotes super-homens terminam mal, todos eles. O sacerdote frágil, que conhece as suas fraquezas e fala delas com o Senhor, esse irá bem”, indicou Francisco, numa audiência aos membros do Colégio de São Luís dos Franceses, no dia 7 de junho.

A intervenção desafiou os padres a serem pessoas de esperança, cultivando o sentido de comunidade “numa sociedade marcada pelo individualismo, autoafirmação e indiferença”. “Na vida comunitária, existe sempre a tentação de criar pequenos grupos fechados, de se isolar, de criticar e falar mal dos outros, de se julgar superior, mais inteligente”, advertiu, destacando a necessidade de refletir sobre o sacerdócio a partir da comunidade católica, para “colocar Deus e as pessoas no centro das preocupações”.

2. O Papa presidiu à Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, no Vaticano, e sublinhou a ligação entre as celebrações litúrgicas e a caridade, nas comunidades católicas. “Não podes partir o Pão do Domingo, se o teu coração estiver fechado aos irmãos. Não podes comer este Pão, se não deres o pão aos famintos. Não podes partilhar deste Pão, se não partilhas os sofrimentos de quem passa necessidade”, destacou, na homília da celebração na Basílica de São Pedro, na tarde do passado Domingo, 6 de junho.

Devido à pandemia, a Missa decorreu com

participação limitada de fiéis e sem a tradicional procissão, pelas ruas da capital italiana. “No fim de tudo, inclusive das nossas solenes liturgias eucarísticas, restará apenas o amor. E, já desde agora, as nossas Eucaristias transformam o mundo, na medida em que nós mesmos nos deixamos transformar, tornando-nos pão partido para os outros”, indicou o Papa, refletindo sobre a “sede” de transcendência que marca o coração humano e que pode estar a desaparecer na sociedade contemporânea. “Todos nós, cada um de nós tem sede de amor, de alegria, duma vida conseguida num mundo mais humano. E, para esta sede, não basta a água das coisas mundanas, pois trata-se duma sede mais profunda que só Deus pode satisfazer. O drama de hoje, podemos dizer, é que muitas vezes se extinguiu a sede. Apagaram-se as perguntas sobre Deus, afrouxou o anseio por Ele, são cada vez mais raros os buscadores de Deus. Deus deixou de atrair, porque já não nos damos conta da nossa sede profunda”, assinalou.

3. O Papa destacou a beatificação da irmã Maria Laura Mainetti (1939-2000), morta há 21 anos por “três jovens influenciadas por uma seita satânica” e reconhecida como mártir pela Igreja. “A crueldade! Logo ela, que amava os jovens mais do que tudo, amava e perdoava aquelas mesmas meninas que eram prisioneiras do mal”, indicou Francisco, após a recitação do Angelus, no passado Domingo, 6 de junho, perante os peregrinos reunidos na Praça de São Pedro. A beatificação foi celebrada em Chiavenna, na Diocese de Como, no norte da Itália. O altar da celebração tinha um relicário com

uma pedra manchada de sangue, recolhida no local do martírio da religiosa. “A irmã Maria Laura deixa-nos o seu programa de vida: ‘Fazer tudo com fé, amor e entusiasmo’. Que o Senhor nos dê a todos fé, amor e entusiasmo”, referiu o Papa, que pediu uma salva de palmas para a nova beata.

Na janela do apartamento pontifício, o Papa condenou ainda o “modelo colonizador” na relação da Igreja e da sociedade do Canadá com as comunidades indígenas, mostrando a sua tristeza pela descoberta de restos mortais de 215 crianças numa instituição católica. “Sigo com dor as notícias que chegam do Canadá sobre a desconcertante descoberta dos restos mortais de 215 crianças, alunos da Kamloops Indian Residential School (Escola Residencial Indígena Kamloops), na província da Colúmbia Britânica. Uno-me aos bispos canadianos e a toda a Igreja Católica, para manifestar a minha proximidade ao povo canadiano, traumatizado pela chocante notícia”, referiu. “As autoridades políticas e religiosas do Canadá continuem a colaborar com determinação para trazer luz sobre este triste acontecimento, empenhando-se humildemente num caminho de reconciliação e cura”, apelou. Finalmente, Francisco lamentou o atentado que fez, na véspera, mais de 100 vítimas no Burquina Faso. “Estou próximo dos familiares e a todo o povo do Burquina Faso, que está a sofrer muito, por causa destes ataques repetidos. África precisa de paz, não de violência”, lembrou.

4. O cardeal Reinhard Marx, Arcebispo de Munique e Freising, anunciou a sua re-

núncia, numa carta enviada ao Papa Francisco, por “falhas no âmbito pessoal” e “erros institucionais e sistemáticos” relacionados com a crise de abuso de menores na Alemanha. Marx, que integra o grupo de cardeais conselheiros do Papa Francisco e que presidiu à Conferência Episcopal da Alemanha até 2020, reconhece que, face à atual crise instalada no seio da Igreja alemã, lhe parece terem chegado “a um ‘beco sem saída’”. Na carta, assinada a 21 de maio e publicada dia 4 de junho, em várias línguas, o cardeal refere-se a “investigações” e “perícias” realizadas nos últimos dez anos que revelam “erros pessoais e administrativos”. E assume a sua “corresponsabilidade” e “concomitância da culpa da instituição pela catástrofe dos abusos sexuais perpetrados pelos representantes da Igreja nas últimas décadas”.

Um comunicado da arquidiocese alemã, publicado no site oficial, informa que o Papa autorizou a publicação da carta “e que o purpurado continua o seu serviço episcopal até que uma decisão seja tomada”.

5. O Papa Francisco dedica a sua intenção de oração do mês de junho à beleza do casamento, uma jornada de compromisso ao longo da vida, em que “a esposa e o esposo não estão sozinhos”, pois “Jesus os acompanha”. Na edição deste mês de ‘O Vídeo Papa’, Francisco encoraja os jovens a embarcarem nesta jornada de compromisso, pois “casar-se e partilhar a vida é algo belo”. “Deus tem um sonho para nós, o amor, e nos pede que o façamos nosso”, refere. A intenção de oração reafirma a natureza da vocação matrimonial, que “não é apenas um ato ‘social’”, mas “nasce do coração”.

Madre Kingbo: uma mulher inspirada em Fátima no serviço aos pobres

Uma vida com Maria

Fundou a Fraternidade das Servas de Cristo e deixou no Níger, um dos países mais pobres do mundo, a semente fecunda de uma obra que está a transformar vidas em África. A Madre Marie-Catherine faleceu em Maio aos 68 anos de idade, mas a sua memória vai continuar a inspirar todos os que, como ela, acreditam que o amor será sempre mais forte do que o ódio. Em 2017 ela esteve em Fátima.



Em Setembro de 2004, a Madre Marie-Catherine Kingbo fundou no Níger a Fraternidade das Servas de Cristo. Foi uma ousadia. Ela e outra religiosa, apenas duas mulheres, começaram um trabalho que parecia impossível. Ajudar as populações locais procurando melhorar as suas condições de vida. O facto de ser religiosa revelou-se a primeira dificuldade. O Níger é um país muito pobre e nos últimos tempos tem vindo a ser fustigado pelo ciclone do extremismo jihadista. Os Cristãos representam apenas cerca de 1% da população. Os Muçulmanos são 98%. Numa sociedade habituada a menosprezar a mulher, sempre que Marie-Catherine aparecia numa qualquer aldeia, num qualquer lugar, a desconfiança instalava-se nos rostos, nas conversas, nos olhares. Foi preciso superar muitos medos e dúvidas para que, aos poucos, aquelas duas religiosas de sorriso meigo comessem a ser aceites.

Primeira casa

A primeira casa da congregação nasceu em Maradi. “Começámos a percorrer as aldeias para conversar com as populações

a fim de conhecê-las melhor. Apercebemo-nos da precariedade em que vivia boa parte dos habitantes, em particular as mulheres e crianças. Era necessário solucionar imediatamente o que estava ao nosso alcance...” Pragmática, percebeu que era preciso investir na educação, mas também na saúde, na formação. Era preciso fazer muita coisa para mudar a vida daquelas populações acorrentadas a uma tradição rígida. Em 2017, a Madre Marie-Catherine participou na Peregrinação Internacional da Fundação AIS a Fátima, quando se assinalava meio século de consagração da instituição ao Imaculado Coração de Maria. Para a Madre Kingbo aquela foi uma oportunidade ímpar para mostrar ao mundo como Fátima continuava a inspirar e a transformar vidas mesmo que no meio de aldeias quase perdidas em zonas esquecidas do Níger. As irmãs construíram uma escola para acolher as meninas das famílias mais desfavorecidas, mas depressa descobriram que não chegava. Era preciso mais. “Introduzimos um sistema de microcrédito, sem juros, com 1.900 mulhe-

res, e um banco de cereais que poderia aliviar cerca de 2 mil famílias durante o período de escassez, ou seja, os meses em que a população deixa de ter comida após esgotarem-se os alimentos da sua única colheita anual...”

Uma imagem especial...

Aos poucos, as desconfianças foram-se atenuando. Em Julho de 2014, as irmãs receberam uma prenda especial na primeira casa da comunidade. “A minha família senegalesa enviou-me uma imagem da Virgem Maria. Era uma estátua de Nossa Senhora de Fátima...” Meio ano depois, a 1 de Janeiro de 2015, essa estátua da Mãe de Deus foi colocada numa pequena gruta, na casa, como elemento protector e inspirador. Quinze dias mais tarde, o jornal Charlie Hedbo, em França, publicava caricaturas do profeta Maomé. Quase imediatamente, um pouco por todo o mundo houve reacções de protesto, muitas vezes violentas contra a comunidade cristã. Foi o que aconteceu também no Níger. “A comunidade cristã foi vítima de agressões por parte de mani-

festantes que queimaram igrejas, escolas, casas de religiosas e cristãos, em Zinder e Niamey”, recordou a irmã. “A nossa comunidade estava a orar e a recitar o terço, como era hábito, diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima. Vivenciámos o Seu amor, pois Ela velava por nós, e fomos poupadas...”

Vencer o ódio

Aos poucos, inspiradas em Nossa Senhora de Fátima, as irmãs foram alargando as suas visitas, foram palmilhando quilómetros, foram ganhando a confiança de mais mulheres em mais lugares. Hoje, a Fraternidade está presente em cerca de 120 aldeias. As irmãs dirigem uma escola em Tibiri e um centro de nutrição em Dan Bako. Todos os anos, são alimentadas através da caridade destas destemidas religiosas mais de 23 mil pessoas. Apesar de todo o bem que foi sendo realizado junto das populações, as irmãs não foram poupadas à violência instigada pelos extremistas que têm vindo a ganhar cada vez mais espaço em África. Em Fátima, a irmã falou disso também. A casa das irmãs foi apedrejada várias vezes durante a noite e até os muçulmanos que trabalhavam com as religiosas foram atacados por causa disso. “Face a esta situação – recordou a irmã em Fátima – desde Outubro de 2014 dois agentes garantem a nossa segurança, montando guarda à frente da nossa casa 24 sobre 24 horas. De facto, a insegurança está a crescer com os fundamentalistas nigerianos e os adeptos do Boko Haram...” Dezasete anos depois de ter sido fundada, a Fraternidade das Servas de Cristo está presente já em vários países africanos. A Madre Marie-Catherine faleceu em Maio, mas a sua memória vai continuar a inspirar todos os que, como ela, acreditam que o amor será sempre mais forte do que o ódio.

texto por Paulo Aido,
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre



A memória da Madre Marie-Catherine vai continuar a inspirar todos os que, como ela, acreditam que o amor será sempre mais forte do que o ódio.

www.fundacao-ais.pt | 217 544 000

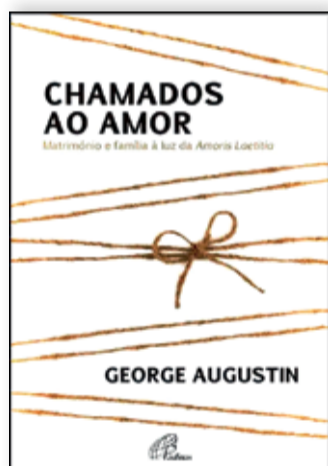


SUGESTÃO CULTURAL

Chamados ao Amor

O livro 'Chamados ao Amor - Matrimónio e família à luz da Amoris Laetitia', da autoria do padre George Augustin, membro dos Palotinos e consultor do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos, deixa "sugestões pequenas, simples, mas concretas, para quem pretende criar uma família cristã". "A partir da sugestão da Amoris Laetitia, George Augustin reflete sobre os vários estímulos que esta Exortação do Papa Francisco oferece aos noivos e casais sobre este tema, e os «ingredientes» necessários para que o homem e a mulher, que decidem percorrer este caminho, alcancem um trajeto feliz em suas vidas, juntos, e a ultrapassar as experiências que podem abalar a sua união e minar o seu ideal", salienta a sinopse da obra publicada pela Paulinas Editora.

Informações: www.paulinas.pt



À PROCURA DA PALAVRA

DOMINGO XI COMUM ANO B

"O reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra."

Mc 4, 26-34



pele P. Vítor Gonçalves

Agradecer as sementes

Mesmo sem festas populares este domingo em Lisboa é dia de S. António. Serão próprias da sua festa as leituras nas missas da cidade, ainda que as deste domingo no resto do mundo nos lembrem a sua paixão pela palavra de Deus e a sua sementeira de pregador. Como foi possível em tão poucos anos, de 1222, na sua primeira pregação em Forli, ao dia da sua morte, a 13 de junho de 1231, ter-se tornado o pregador incansável que conhecemos? Eis uma passagem onde comenta o evangelho de hoje: *"Ó pregador, lança à terra a tua semente da palavra; a tua, isto é, a que te foi confiada. E vê quão devidamente a palavra de Deus se diz semente. Assim como a semente deitada na terra germina e cresce – primeiramente, como diz o Senhor em S. Marcos, produz a erva, depois a espiga e por último o trigo maduro na espiga – também a palavra de Deus, semeada no coração do pecador, primeiro produz a erva da contrição, de que se lê no Génesis: Produza a terra, isto é, o espírito*

do pecador, a erva verde da contrição; depois a espiga da confissão, que se levanta ao alto pela esperança de se ver perdoado; por último o trigo maduro da satisfação."

Encantados pelas festas (que este ano ainda não podemos retomar), pelos milagres que se lhe atribuem, pelos retratos populares e próximos que o reconhecem "santo de todos o mundo", é pena ignorarmos a grandeza dos seus escritos, a audácia da sua vida e o testemunho da sua santidade. Bem gostaria também de o ver como patrono das JMJ de Lisboa 2023, assim como S. João de Brito, pois aqui nasceram. Mergulhar nos seus sermões é banharmo-nos na palavra de Deus e no incontável conhecimento das ciências do seu tempo com que ilustra as suas pregações. Em tudo encontrava semente para enriquecer o espírito e o conhecimento dos que o ouviam. Nada nasce sem ser semeado. E a semente que é a palavra de Deus tem uma força irresistível, capaz de transformar tudo a partir de dentro. Nes-

ta admirável colaboração entre Deus e o homem, a vida desenvolve-se e frutifica. A pequenez e a humildade dos inícios não são obstáculo para a abundância das colheitas. Importa dar valor ao trabalho humano, mas no princípio de tudo está a vida abundante que Deus oferece. O dinamismo da vida de Deus em nós e conosco é de crescimento, mas também de contemplação e maravilhamento. Quando nos julgamos donos da vida, numa atividade incansável e febril, a produzir para acumular e enriquecer, a pensar só no que é grande e esplendoroso, afastamo-nos de Deus e produzimos infelicidade. Ainda somos capazes de nos maravilhar com o que é pequeno e frágil e tão cheio de vida? Sim, importa semear, com a humildade de agradecer as sementes. Com a paixão de S. António. E com a ousadia de Miguel Torga: *" [...] todo o semeador / Semeia contra o presente. / Semeia como vidente / A seara do futuro, / Sem saber se o chão é duro / E lhe recebe a semente."*

DOMINGO XII DO TEMPO COMUM – B (20 DE JUNHO)

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada	O Senhor é a força do seu povo	F. Silva	¹
Entrada	Salvai, Senhor, vosso povo	J. Santos	CEC II 57 / CN 878
Ofertório	Se me envolve a noite escura	M. Luís	NCT 566 ²
Comunhão / Ofertório	Não vivamos para nós	Az. Oliveira	34º ENPL 22
Comunhão	Eu sou o Bom Pastor	C. Silva	CN 449
Comunhão	O Cordeiro de Deus é o nosso Pastor	C. Silva	CEC II 121
Pós Comunhão / Final	Eu confio, Senhor – Cantarei ao Senhor	F. Silva	CEC II 39
Final	Ao Senhor do universo toda a honra	F. Silva	CN 211

¹ <http://bit.ly/O-Senhor-é-a-força-do-seu-povo> | ² <http://bit.ly/Se-me-envolve-a-noite-escura>

SIGLAS | CEC - Cânticos de Entrada e Comunhão, vol. I-II, Secretariado Nacional de Liturgia | CN - Cantoral Nacional para a Liturgia, Secretariado Nacional de Liturgia – Serviço Nacional | ENPL - Guiões dos Encontros Nacionais de Pastoral Litúrgica | NCT - Novo Cantemos Todos, Editorial Missões



DEPARTAMENTO DE LITURGIA DO PATRIARCATO DE LISBOA



Tweets da Semana

“Na #Eucaristia, a fragilidade é força: força do amor de Deus que se faz pequeno para ser acolhido e não temido; força do amor que se parte e se divide para nutrir e dar vida; força do amor que se fragmenta para nos unir na unidade.”

6 de junho

“A Eucaristia, fonte de amor para a vida da Igreja, é escola de caridade e de solidariedade. Quem se alimenta do Pão de Cristo não pode ficar indiferente diante de quantos não têm o pão de cada dia. #CorpusChristi”

3 de junho

Papa Francisco @Pontifex_pt

“Quando não correspondemos à convocação de Jesus para O escutarmos não estamos onde devemos estar enquanto Igreja. Sigamos o percurso de Maria, acolhendo Jesus em nós, para que, em nós, Ele se possa manifestar ao mundo.”

6 de junho

“Não é Cristo que se desfaz em nós, como acontece com o alimento que ingerimos vulgarmente. É Ele que nos refaz em Si, para sermos o seu corpo alargado até onde quer chegar, através daqueles que O recebem. #CorpodeDeus <http://bit.ly/CorpoDeus21>”

3 de junho

D. Manuel Clemente @patriarcalisboa



Editorial

HUMOR COM SANTIDADE

P. Nuno Rosário Fernandes, diretor
p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt



Esta semana, o Papa Francisco, num discurso a sacerdotes, afirmava – para além das habituais recomendações sobre o modo como o sacerdote deve assumir o ser pastor –, que é preciso ter alegria e sentido de humor. “Com a alegria, está junto o sentido de humor. Não se gosta de um padre que não tenha sentido de humor. Alguma coisa não está bem. Imitem aqueles grandes padres que riem dos outros, de si mesmos e até da própria sombra: o sentido de humor é uma das características da santidade, como referi na Exortação Apostólica sobre a Santidade, Gaudete et exultate.”

Fiquei a pensar nesta afirmação do Santo Padre, sobretudo porque muitas vezes as nossas vidas podem dar a entender uma ideia errada sobre o que somos, e como vivemos o nosso ministério de padres. A vida do padre não é sombria, ainda que, muitas vezes, e sobretudo fora da Igreja, possam olhar para nós com desconfiança. O padre pode ser alegre, rir, ter sentido de humor, sem que isso o afaste da centralidade do seu ministério que é a vida de

Cristo, assumida em si próprio. Até porque Jesus Cristo também era alegre e procurou transmitir essa alegria dando alegria aos outros.

Por isso, acredito que o melhor testemunho que podemos dar é, de facto, o dessa alegria vivida no dia a dia, sem ser carrancudo, como muitas vezes podemos cair no risco de ser. É certo que, no nosso ministério, há um peso grande de toda a responsabilidade que nos é atribuída, mas isso não precisa de nos tirar a alegria, sobretudo se acreditamos que a obra que realizamos não é nossa, mas de Deus – e Ele, pode tudo. Precisamos encontrar sempre a alegria no que fazemos e vivemos, melhor ou pior, mas passará por aí a atratividade do nosso testemunho para levar Cris-

to aos outros. E isto não serve apenas para os padres, mas para todos os cristãos, porque um cristão triste pode tornar-se um triste cristão.

A vida do padre precisa ser modelo de vida, sem que isso centralize os outros em si, mas que leve os outros até Cristo, com alegria.

Esta sexta-feira, 11 de junho, celebrou-se a Festa do Sagrado Coração de Jesus, dia também dedicado à Oração pela Santificação dos Sacerdotes. Os padres têm sempre presente na sua oração as suas comunidades, as suas ovelhas, aqueles que lhes estão confiados no seu ministério. Reze, também e sempre, pelos padres, e se encontrar o padre da sua comunidade, diga-lhe: “Eu rezo por si”.

“Acredito que o melhor testemunho que podemos dar é, de facto, o dessa alegria vivida no dia a dia, sem ser carrancudo, como muitas vezes podemos cair no risco de ser.”

FICHA TÉCNICA

Registo n.º 100277 (DGCS) - Depósito legal: 137400/99; Propriedade: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Gerência: Francisco José Tito Espinheira, Joaquim Daniel Vieira Loureiro e Maria Teresa Alves Vieira Novo; Capital Social: 100.000 euros - Seminário Maior de Cristo Rei (95%) e Patriarcado de Lisboa (5%); NIPC: 500881626; Editor: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Tiragem: 5300 exemplares; Diretor: P. Nuno Rosário Fernandes (p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt); Site: www.vozdaverdade.org; Redação: Diogo Paiva Brandão (diogopb@patriarcado-lisboa.pt), Filipe Teixeira (filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt); Colaboradores regulares: Aura Miguel, P. Vítor Gonçalves; Fotografia: Arlindo Homem, Filipe Amorim, Luís Moreira; Opinião: António Bagão Félix, A. Pereira Caldas, Guilherme d'Oliveira Martins, Isilda Pegado, José Luís Nunes Martins, P. Alexandre Palma, P. Duarte da Cunha, P. Gonçalo Portocarrero de Almada, P. Manuel Barbosa, P. Nuno Amador, Pedro Vaz Patto; Colaboração: Cáritas Diocesana de Lisboa, Departamento de Liturgia, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, FEC - Fundação Fé e Cooperação, Setor de Animação Vocacional, Setor da Pastoral Familiar, Serviço da Juventude, Comissão Justiça e Paz dos Religiosos; Design Gráfico e Paginação: Divide by Two, Lda - www.dividebytwo.pt | office@dividebytwo.pt; Pré-impressão e impressão: Empresa do Diário do Minho, Lda. - Rua de São Brás, 1, Gualtar, 4710-073 Braga - comercial@diariodominho.pt - Tel: 253303170; Distribuição: Urgentissimo Transportes, Lda. (Enviália) - Rua Luís Vaz Camões, s/n, Zona Industrial Arenas, 2560-684 Torres Vedras - Tel: 261323474; Sede do Editor e Sede da Redação: Mosteiro de São Vicente de Fora - Campo de Santa Clara 1100-472 Lisboa - vozverdade@patriarcado-lisboa.pt; Serviços Administrativos: Sara Nunes, de 2ª a 6ª-feira, das 9h00 às 16h00, Tel: 218810556, Fax: 218810555, saranunes@patriarcado-lisboa.pt.



ASSINE JÁ!

Faça a sua assinatura e receba o jornal, em sua casa, durante um ano.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, escolhendo uma das seguintes opções:



218 810 556
2ª a 6ª feira, entre as 9h00 e as 16h00



saranunes@patriarcado-lisboa.pt
Envie um email com os seus dados



Preencha, destaque e envie o cupão

Complete a assinatura fazendo o pagamento através do NIB 001800003724403600184, cheque ou vale postal, à ordem de Nova Terra, Empresa Editorial, Lda. O envio do comprovativo ou do meio de pagamento deverá ser feito para Nova Terra Empresa Editorial, Lda. Mosteiro de São Vicente Fora - Campo de Santa Clara - 1100-472 Lisboa; fax: 218 810 555; email: saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Nome _____

Morada _____

Código postal _____ - _____ Telefone _____

Email _____ NIF _____ N.º Assinante _____

Assinatura anual: Individual (20 €) Benfeitor (25 €) Benemérito (30 €)